

MAÇONARIA E RELIGIÃO NO RIO GRANDE DO SUL (1900-1930)

Guilherme Cesar Temp Schmidt (Autor)¹

Luiz Eugênio Vêscio (Orientador)²

Agência Financiadora: CNPq

1 Bolsista Pibic; CNPq. Graduando do Curso de História da UFSM - RS

guilhermeschmidt@yahoo.com.br

2 Prof. Dr. do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria –RS

lvscio@terra.com.br

Palavras-chave: História da Maçonaria, Igreja Católica, Protestantismo, religiões.

Área do Conhecimento: VII – Ciências Humanas

A economia riograndense fora marcada nos séculos XVIII e XIX pela pecuária, pela extração do couro e do sebo, e posteriormente pela produção do charque, fazendo com que os homens que aqui habitavam tivessem em seu cotidiano da lida campeira, a solidão e a valorização de sua força física.¹

No mesmo período, o território era marcado por lutas e conflitos pela posse de terras, e ainda, devido à zona de fronteira a luta pela demarcação do território, que estruturava a vida do gaúcho.

Desta maneira, os homens que viviam nesta terra, estavam longe de praticar a religião, de acatar as ordens e costumes impostos pela Igreja, considerando a religião como “coisa de mulher”. Neste contexto, o anticlericalismo tomou força e foi largamente cultivado pela elite gaúcha.

A Igreja Católica, mostrava-se frágil e ausente. O mau preparo e a falta de um contingente maior de clérigos no Estado era uma realidade que a Igreja enfrentava. Até 1848, a diocese estava no Rio de Janeiro, fazendo com que a distância que a separava das paróquias impossibilitasse um controle maior sobre os padres, e dificultando a tentativa de conseguir a sua hegemonia sobre os fiéis.

A falta de padres era uma constante, e, além de tudo, os clérigos que aqui se encontravam, eram na sua maioria de formação regular e tradicionalⁱⁱ, tinham uma vida um tanto mundana, indo de encontro ao padrão esperado pela Igreja. Era comum esses “servos de Deus” terem amantes, filhos, bens e estarem metidos na política local.

Com a debilidade da Igreja, a maçonaria veio a encontrar no Rio Grande do Sul um lugar acolhedor ao seu ideário laico, racionalista e anticlerical, principalmente no seio político e intelectual, onde até a virada para o século XX, será uma postura constante da elite social e intelectual do Estado.

A Maçonaria veio instalar-se no Estado entre as décadas de 1830 e 1840, estabelecendo-se definitivamente na segunda metade do século XIX, visto que a sua instalação fora um tanto tardia, comparado com os outros estados brasileiros, mas que em compensação, até a virada do século XX, será um dos principais centros da instituição no país.

O país passava por mudanças no final do século XIX, com a troca do regime monárquico para o republicano, o que modificou o panorama social e político do

Brasil. No Rio Grande do Sul, entre 1889 e 1891, os republicanos organizaram-se e, quando assumiram o poder no Estado, deram-lhe um caráter positivista, sob a liderança de Júlio de Castilhos.

Em 1893 é fundada uma potênciaⁱⁱⁱ maçônica autônoma, o GORGS - Grande Oriente do Rio Grande do Sul, que conquistará grande prestígio e poder dentro de vários espaços da sociedade gaúcha. O professor Luiz Eugênio Vêscio em seu trabalho, demonstra que boa parte dos fundadores desta potência eram filiados ao PRR^{iv}, e a sua fundação fora feita com o intuito de servir como sustentáculo político do partido em todo o Estado.

A relação entre Maçonaria e Igreja Católica no Brasil

Podemos definir maçonaria como uma fraternidade, onde o segredo de seus ritos e símbolos ocupa papel fundamental, e é o principal elo de ligação entre seus filiados. É uma associação exclusiva de homens (por mais que existam maçonarias mistas, estas não são reconhecidas pelas ditas potências legítimas), e tem como objetivos o aperfeiçoamento intelectual da sociedade e de seus membros, e o estímulo à filantropia. Tem como característica também não dar e exigir orientação política e religiosa.^v

A maçonaria nasceu na Europa do século XVII, e devido ao seu caráter e discurso liberal causou medo e desconfiança entre os clérigos da Igreja Católica. A maçonaria com o seu lema “liberdade, igualdade e fraternidade”, chamou a atenção de boa parte das classes médias e altas da França e da Inglaterra, fazendo com que essas aderissem à instituição.

O seu caráter “secreto”, juntamente com o seu ecumenismo (já que os seus integrantes não precisassem seguir uma religião “à risca”, somente acreditar em um ser superior), causou repúdio à Igreja Católica, que condenou a maçonaria por ser uma instituição conspiradora e de fazer a prática de rituais satânicos e pagãos.

Mas o desentendimento entre maçonaria e Igreja Católica veio da chamada

“Questão Religiosa”, entre 1872 e 1874, quando dois bispos foram presos por exigirem a expulsão de maçons pertencentes a irmandades religiosas de Recife e de Belém.^{vi}

Os dois bispos, Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira e D. Antonio Macedo Costa, bispos de Olinda e do Pará, respectivamente, alegaram que estavam apenas cumprindo a Bula Papal que condenava a instituição maçônica ou qualquer outra afim.

Foi a partir deste episódio da questão religiosa, que os ânimos entre maçonaria e Igreja Católica vão se acirrar. Com a entrada do clero ultramontano no país, mais o estímulo à formação de padres nestas diretrizes, fez com que a Igreja declarasse que a maçonaria era o grande mal à ser combatido na sociedade brasileira.

A Maçonaria no Rio Grande do Sul

Foi a partir da fundação do GORGS, e com o seu reconhecimento como uma potência autônoma, e com a simpatia e admissão de uma parcela influente da sociedade gaúcha é que a maçonaria toma força no Rio Grande do Sul. É justamente neste período que os ânimos se agitam entre a Maçonaria e a Igreja, já que no paralelo a fundação do GORGS, a Igreja tenta implantar o modelo ultramontano^{vii} no Rio Grande do Sul.

O papel do ultramontanismo terá seu auge a partir de 1912, ano em que Dom João Becker assume o arcebispado de Porto Alegre, e disposto em colocar em prática as orientações ultramontanas aqui no Estado. O arcebispo esmerou-se em disciplinar os clérigos conhecidos pela sua falta de obediência e excessiva autonomia.

Assim, a maçonaria foi eleita pelos ultramontanos, o grande mal da sociedade, o qual deveria ser combatido. Não serão poupados esforços de ambas as partes, nesta “Guerra Santa” em solo gaúcho. Os cenários deste combate será o mais variado possível, em todos os campos e lugares da sociedade gaúcha: na imprensa, na educação, e até mesmo na saúde, quando

há uma corrida pela construção de hospitais pelas duas instituições.

Para a maçonaria, a educação tornou-se um instrumento da luta anticlerical. O projeto educacional era baseado no “espírito das luzes, libertadora da consciência dos homens e fiéis escudeiras no combate às trevas representadas pelo fanatismo da Igreja Católica.”^{viii} As expressões usadas pelos maçons na época, quando se tratava em educação, eram racionalismo, ciência e progresso, e era através da educação que ira emancipar o homem e o progresso do país.

Os meios de comunicação, foram sem dúvida nenhuma, o lugar onde a batalha entre a maçonaria e a Igreja tiveram maior expressão. Através de jornais próprios das instituições, e outros ainda simpatizantes tanto pela causa maçônica, quanto à causa católica, tomaram vulto expressivo durante a virada no século.

Véscio, na sua análise da revista maçônica *O Delta*, mostra que a campanha contra a Igreja era acirrada, com um discurso agressivo, na tentativa de desmoralizar o clero e a instituição católica. Os adjetivos usados para os padres eram “sempre os mesmos: covardes, pérfidos e mentirosos, aproveitando todos os meios de explorar em favor da seita; dando um curso a toda a sorte de calúnias engendradas para ofuscar a verdade.”^{ix}

A imprensa católica, usando como exemplo o jornal palotino *A Rainha dos Apóstolos*, onde descreve uma suposta união entre maçons, judeus e comunistas, no empenho de dominar a sociedade.^x Assim a maçonaria acabou sendo eleita “o grande mal” a ser combatido, pois ela além de conspirar, ela era considerada uma seita satânica e que deveria ser combatida pelos católicos em nome de Cristo.

Outra forma que a maçonaria encontrou para enfraquecer a Igreja Católica, foi com a difusão e o apóio a outras religiões no Rio Grande do Sul, incentivando a pluralidade religiosa no Estado. Nos arquivos do GORGS, podemos encontrar uma farta documentação de cartas e periódicos, onde aparece de que maneira esta campanha de fomento às novas religiões se desenvolve no

Rio Grande do Sul. Destaca-se a difusão da religião espírita e de duas religiões protestantes: a luterana e a metodista.

A Maçonaria e o Luteranismo

A união entre maçons e luteranos no Rio Grande do Sul vai ocorrer a partir da década de 1870, período anterior ao corte cronológico proposto pelo trabalho. Mas, devido a importância desta relação, não podemos deixar de abordá-la, para um melhor entendimento do trabalho.

A maçonaria teve grande aceitação e atuação dentro da comunidade alemã, principal foco da religião luterana no Rio Grande do Sul. Grandes lideranças desta comunidade eram maçons atuantes. A maçonaria teve grande penetração na imprensa voltada para a comunidade alemã, onde fazia-se propaganda dos ideais liberais e anti-católicos.

Colussi relata a fundação da loja Zur Eintrach em 1876 na cidade de Porto Alegre, localizada junto à uma igreja protestante, sendo “o lançamento da sua pedra fundamental ‘a primeira manifestação pública da maçonaria em Porto Alegre’.”^{xi} Esta loja, foi a primeira a ter o rito todo feito em língua alemã no Rio Grande do Sul.

A imprensa da comunidade alemã era muito influente, e de destacava pelo seu caráter muito politizado. Nela, a maçonaria teve um espaço de ampla abrangência e influência. Colussi demonstra em sua obra, um quadro demonstrando que os principais dirigentes e proprietários destes jornais eram maçons.^{xii} Destacam-se os jornais *Deutsche Zeitung* e *Deutsche Volksblatt* entre outros de pequena duração.

Foi o apóio mútuo, entre a maçonaria e os alemães, que possibilitou as campanhas de liberdade religiosa, laicização dos cemitérios públicos, a instituição do casamento civil e o direito de voto e emprego público para acatólicos. Para isso eram constantes os ataques à Igreja Católica, em especial ao movimento católico-conservador que começava a tomar força no estado.

Esta relação não só ocorrerá no Rio Grande do Sul. Vieira, em sua obra relata o empréstimo de salões das lojas maçônicas

para cultos luteranos em São Paulo na década de 1860.^{xiii} Algo similar ocorrerá no Rio Grande do Sul, no começo do século XX, quando maçons emprestam as suas dependências para reuniões espíritas, como veremos mais adiante.

Maçonaria e Metodismo

No Brasil, foi Daniel P. Kidder e Justin Spaulding^{xiv} os primeiros a fazerem trabalho missionário metodista no país, a partir de 1836. No Rio Grande do Sul, o metodismo só irá se desenvolver a partir da última década do século XIX.

A maçonaria irá criar laços com os pastores metodistas, à medida que os pastores estavam apenas começando ao trabalho missionário no Rio Grande do Sul. Os padres viam com preocupação esta relação, pois o trabalho missionário metodista pregava a livre leitura da bíblia pelos fiéis, inclusive distribuindo “novos testamentos” em suas missões, cooptando um bom número de novos adeptos.

A relação entre metodistas e maçons, é tratada rapidamente na obra de Luiz Eugênio Vêscio. Mas neste momento, através dos documentos do GORGS, podemos perceber como se efetuou o envolvimento destes pastores com as lojas maçônicas.

Podemos ver, através destes documentos, o interesse de pastores metodistas, na fundação de lojas maçônicas em suas cidades, no interior do estado. Um dos documentos, assinado por um pastor, pede informações sobre a instalação de uma loja, e pede juntamente o envio de periódicos maçônicos para a sua cidade. Na imprensa metodista, além de ataques a Igreja Católica, a Maçonaria será sempre relacionada com filantropia, mostrando a ordem como uma instituição nobre e de bons princípios.

Maçonaria e Espiritismo

O “espiritismo” ou “espiritualismo” é usado não apenas para descrever o kardecismo, mas também todas essas práticas religiosas afro-indígenas, que

incluem a invocação e adoração de espíritos, de parentes mortos e de pessoas importantes enquanto vivas^{xv}. Nestas religiões, existe em comum a figura do médium, que faz a ponte entre o “natural” e o “sobrenatural”.

Para o contexto deste estudo, que o espiritismo descrito refere-se ao kardecismo: sistema filosófico e místico cristão, criado por Allan Kardec em 1855 na França. Acredita-se na reencarnação e na comunicação entre os homens e os espíritos, através dos médiuns.

No Brasil, um dos primeiros discípulos de Allan Kardec, foi o baiano Luiz Olímpio Teles de Menezes (1825-1893), fundador e presidente da Associação Espírita Brasileira.^{xvi} No Rio Grande do Sul, o centro espírita mais antigo que se tem notícia é o Centro Espírita Rio-Grandense, da cidade de Rio Grande, em 1891.^{xvii}

A relação entre os espíritas e o clero católico não era nada amigável, e foi comum nas três primeiras décadas do século XX, vários ataques deferidos pela Igreja Católica contra a religião espírita. Os padres faziam questão de nivelar o espiritismo kardecista às religiões afro-brasileiras (umbanda, quimbanda, candomblé e linha cruzada). Os espíritas kardecistas sempre tentaram demonstrar a diferença entre o kardecismo e as religiões afro-brasileiras designavam.

Iniciou-se então uma batalha entre católicos e espíritas, onde os católicos acusavam as práticas espíritas de levianas e próximas à escuridão, e que eram “práticas condenáveis e próximas à devassidão, do crime e da loucura”^{xviii}. Junto a isso, o espiritismo era visto como aliado da maçonaria, no projeto de destruir a Igreja de Cristo.

Os maçons, que já estavam em meio a uma batalha com a Igreja Católica, viram no movimento espírita gaúcho um grande aliado à luta contra o ultramontanismo. Muitas vezes sem a permissão do GORGS, as lojas maçônicas começam a ceder espaços dentro de suas instalações para as

reuniões espíritas. Essa atitude tinha o intuito de afrontar a Igreja Católica e ao mesmo tempo permitir a difusão e o estabelecimento da religião espírita em solo gaúcho.

Véscio, relata em sua obra um episódio ocorrido na Loja Unidas de Pelotas, onde um determinado espaço físico da instituição foi cedido à sociedade espírita, para sessões de espiritismo. Ocorreu um conflito entre alguns dos maçons pertencentes à esta loja, que eram contrários ao empréstimo.^{xix} Foi enviada então uma carta para o GORGS, relatando o problema, e pedindo um posicionamento oficial, já que o empréstimo do salão nada mais era para ampliar o combate ao clericalismo.

Com isso, percebemos que muitas vezes este embate entre Igreja e maçonaria não era apoiado por todos os maçons. E isto justifica-se pela grande quantidade de católicos nos quadros maçônicos. Era comum os homens esconderem a suas identidades de serem maçons pelo medo de retaliações feitas pelos padres ou até mesmo pela própria comunidade católica.

A imprensa maçônica, será usada para noticiar os casos de curas mediúnicas, e dos dias e lugares onde ocorreram as sessões espíritas. Esta relação entre maçonaria e o Espiritismo Kardecista será estendido até metade do século XX.

Conclusão

A maçonaria, em sua campanha anticlerical, atuou nos mais distintos espaços da sociedade gaúcha. A inflamada imprensa

maçônica e liberal trazia em seus impressos uma campanha acirrada contra o clericalismo por uma diversidade de motivos: o fim do catolicismo como religião oficial do Estado; o estímulo ao racionalismo; a laicização da sociedade brasileira entre outros motivos.

O clero católico por sua vez, via com maus olhos a maçonaria, pelo seu caráter secreto que ostentava, pelos clérigos não saberem o que realmente passava-se entre as colunas das lojas; e pelo ecumenismo sustentado pela maçonaria, visto que homens que a freqüentavam não necessitavam professar nenhuma fé específica, somente crer em um ser superior.

Se algum movimento na época agredisse o ultramontanismo, a maçonaria geralmente simpatizava e dava o apoio necessário. E é neste momento, que as novas religiões se instalavam e se estruturavam no Rio Grande do Sul, que a maçonaria começa a criar vínculos e dar o apoio necessário a implementação das mesmas. Mas esse apoio nem sempre eram compactuado com todos os maçons,, fazendo com que ocorresse um conflito ideológico entre os integrantes das lojas maçônicas.

Essa relação entre maçonaria e outras religiões, é percebida até a segunda década de 30, e será muito importante na consolidação das religiões que estavam entrando no território gaúcho. Para a maçonaria, essas religiões serviram de aliadas, fazendo com que a instituição tomasse maior força no combate anti-clerical.

ⁱ VÉSCIO, Luiz Eugênio. *O crime do padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul 1893-1928*. Santa Maria: editoraufsm; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001, p. 177.

ⁱⁱ Este catolicismo tradicional era caracterizado por ser luso-brasileira, leigo, medieval, social e familiar. Ele foi desenvolvido paralelamente à colonização portuguesa, era tolerante e não se opunha que membros do seu clero participassem da maçonaria. Cf. VÉSCIO, Luiz Eugênio. *O crime do padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul 1893-1928*. Santa Maria: editoraufsm; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001, p.90.

ⁱⁱⁱ Potência maçônica é o órgão político máximo da maçonaria. Todas as lojas maçônicas para serem reconhecidas como regulares devem pertencer a uma potência.

^{iv} Partido Republicano Rio-Grandense.

^v COLUSSI, Eliane Vera. *A maçonaria gaúcha no século XIX*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 33

^{vi} VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a "questão religiosa" no Brasil*. 2ª. Edição, Brasília: UnB, 1981.

^{vii} Ultramontanismo designa uma orientação/política da Igreja Católica onde era a favor de uma maior concentração do poder eclesiástico nas mãos do papado, mas também contra uma série de coisas que eram consideradas erradas e perigosas para a Igreja. Entre estes "perigos" estavam o galicanismo, o jansenismo, todos os tipos de liberalismo, o protestantismo, a maçonaria, o deísmo, o racionalismo, o socialismo e certas medidas liberais propostas pelo estado civil, tais como a liberdade de religião, o casamento civil, a liberdade de imprensa e outras mais. Cf. VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a "questão religiosa" no Brasil*. 2ª. Edição, Brasília: UnB, 1981, p.33.

^{viii} BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e Sombras: a ação da Maçonaria brasileira(1870-1910)*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p.165.

^{ix} VÉSCIO, Luiz Eugênio. *O crime do padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul 1893-1928*. Santa Maria: editoraufsm; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001, p. 210 (citação de citação).

^x VÉSCIO, Luiz Eugênio. *O crime do padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul 1893-1928*. Santa Maria: editoraufsm; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001, p. 237.

^{xi} COLUSSI, Eliane Vera. *A maçonaria gaúcha no século XIX*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p.346.

^{xii} COLUSSI, Eliane Vera. *A maçonaria gaúcha no século XIX*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 337.

^{xiii} VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a "questão religiosa" no Brasil*. 2ª. Edição, Brasília: UnB, 1981, p.140.

^{xiv} VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a "questão religiosa" no Brasil*. 2ª. Edição, Brasília: UnB, 1981, p.373

^{xv} VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a "questão religiosa" no Brasil*. 2ª. Edição, Brasília: UnB, 1981, p.54.

^{xvi} Idem, p 54.

^{xvii} ISAIA, Artur Cesar. Catolicismo e religiões mediúnicas no Rio Grande do Sul. In: RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti, FELIX, Loiva Otero(orgs). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 222

^{xviii} ISAIA, Artur Cesar. Catolicismo e religiões mediúnicas no Rio Grande do Sul. In: RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti, FELIX, Loiva Otero(orgs). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 228.

^{xix} VÉSCIO, Luiz Eugênio. *O crime do padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul 1893-1928*. Santa Maria: editoraufsm; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001, p. 216